

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Cardoso, FH O surto de FH

• Ninguém viu o presidente Fernando Henrique perder a majestade ao longo desta semana, mas ele mesmo disse a amigos do PSDB que estes foram os dias que mais o afetaram desde a posse. Na quarta-feira ele parecia estar soberbamente à vontade na festa do senador Sarney. Mas, naquele dia, esteve realmente deprimido. Na casa de Sarney, respondeu a um comentário sobre sua boa aparência com um sorriso nada convincente:

— Mas eu sofro muito!

A auto-imunização psicológica de Fernando Henrique Cardoso contra as adversidades sempre impressionou seus amigos. No pior dos momentos, ele mantém o humor e consegue fazer piada até com seus próprios embaraços.

Mas os problemas dos últimos dias causaram-lhe o primeiro surto de abatimento no poder. Já passou, apressam-se a dizer os tucanos, certos de que agora tudo vai melhorar.

Com a chacina de Eldorado de Carajás, na semana passada, veio o primeiro baque. Não é coisa de país decente, disse o presidente Fernando Henrique. Não é coisa que aconteça em Governo que se diga social-democrata, deve ter-lhe dito a consciência política.

Decidido a dar uma solução definitiva para o problema agrário, recebeu o pedido de demissão do ministro da Agricultura, José Eduardo Andrade Vieira na sexta-feira. Isso também pesou. O senador foi um aliado generoso na campanha e saiu chateado com o vazamento de notícias sobre a sua demissão.

Na segunda-feira, tudo piorou com as manifestações ocorridas durante sua visita a

Porto Seguro, Sul da Bahia.

Na terça-feira, a reforma ministerial começou a tomar rumo imprevisto. Contra a idéia inicial de escolher apenas um novo ministro da Agricultura e um novo responsável pela reforma agrária, surgiram as pressões do PMDB para que o partido também fosse contemplado na reforma.

Na quarta-feira, no almoço do Alvorada, o pacote foi fechado. Mas era preciso ainda negociar com PPB, avisar os líderes tucanos que a escolha de Luiz Carlos Santos (PMDB-SP) para coordenador político fora inevitável, e principalmente, conversar com a ministra da Indústria e Comércio, Dorothea Werneck. O vazamento precipitado das mudanças levantou a fervura.

Na quinta-feira à noite, conversando com os tucanos melindrados porque não foram ouvidos, o presidente Fernando Henrique lamentou muito o sofrimento que involuntariamente causou a Dorothea:

— Não gosto de magoar ninguém, muito menos pessoas de quem gosto.

Um dos presentes quase disse que não se faz omelete sem quebrar ovos. Mas achou desnecessário.